

*Cidade planejada no cerrado:  
a ocupação de Goiânia e sua relação com o campo*

*Ciudad planificada de cerrado:  
la ocupación de Goiânia y su relación con el campo*

*City planned in cerrado:  
the occupation of Goiânia and its relation with the countryside*

*Helena de Moraes Borges*  
Instituto de estudos socioambientais –IESA  
Universidade Federal de Goiás–UFG  
helenabgeo@gmail.com

## **Resumo**

O Cerrado pode ser compreendido sob diferentes perspectivas; muitas delas o consideram enquanto bioma, a partir da análise das relações entre o solo, relevo, fauna, flora, entre outros aspectos. Neste trabalho, defendemos a abordagem do Cerrado enquanto Bioma-Território, pois a diversidade cultural também deve ser parte da análise. A representação do Cerrado, ou seja, os sentidos atribuídos às suas características peculiares estiveram durante muito tempo ligados a sentidos pejorativos que o relacionam a solos pobres, árvores tortas etc. Tal representação foi apropriada por atores hegemônicos com o intuito de desqualificar os saberes tradicionais e justificar as políticas públicas que visavam a modernização do campo. Goiânia surge enquanto capital planejada em solo de Cerrado; posterior à sua construção, políticas públicas implementadas no campo levam à migração campo-cidade consolidando sua ocupação. Neste sentido, Goiânia se constitui enquanto um centro urbano cujas marcas da ruralidade estão presentes nas paisagens e nas práticas sociais de seus moradores.

**Palavras-chave:** Ocupação de Goiânia. Representação do Cerrado. Cerrado. Goiânia.

## **Resumen**

El Cerrado puede ser comprendido desde diferentes perspectivas; muchas de ellas lo consideran como bioma, a partir del análisis de las relaciones entre el suelo, relieve, fauna, flora, entre otros aspectos. En este trabajo, defendemos el enfoque del Cerrado como Bioma-Territorio, pues la diversidad cultural también debe ser parte del análisis. La representación del Cerrado, es decir, los sentidos atribuidos a sus características peculiares estuvieron durante mucho tiempo ligados a sentidos peyorativos que lo relacionan a suelos pobres, árboles torcidos, etc. Tal representación fue apropiada por actores hegemónicos con el propósito de descalificar los saberes tradicionales y justificar las políticas públicas que apuntaban a la modernización del campo. Goiânia surge como capital planeada en suelo de Cerrado; posterior a su construcción, políticas públicas implementadas en el campo llevan a la migración campo-ciudad consolidando su ocupación. En este sentido, Goiânia se constituye como un centro urbano cuyas marcas de la ruralidad están presentes en los paisajes y en las prácticas sociales de sus habitantes.

**Palabras clave:** Cerrado Ocupación. La representación Cerrado. Cerrado. Goiânia.

## **Abstract**

The Cerrado can be understood from different perspectives; many of them consider it as biome according to the analysis of the relationship between soil, relief, fauna, flora, among others. In this work, we support the approach of the Cerrado Biome as Territory, because the cultural diversity must also be part of the analysis. The representation of the Cerrado, i.e., the meanings attributed to its peculiar characteristics, has long been linked to pejorative senses that relate to poor soils, twisted trees, etc. Such a representation has been appropriated by hegemonic actors in order to disqualify traditional knowledge and justify public policies aimed at the modernization of the countryside. Goiânia has become as capital planned in the Cerrado soil; after its construction, public policies implemented in the countryside have led to rural-urban migration consolidating its occupation. In this sense, Goiânia has been constituted as an urban center whose brands of rurality are present in landscapes and social practices of its residents.

**Keywords:** Occupation of the Goiânia. Representation of the Cerrado. Cerrado. Goiânia.

## **Introdução**

Goiânia surge enquanto capital planejada em área plana do Cerrado, com o intuito de, entre outros aspectos, receber a nova oligarquia urbano-industrial que se consolidara no contexto de modernização da agricultura, posterior ao período da Marcha para o Oeste. Recebe também grande contingente populacional de migrantes expropriados do campo, que devido aos efeitos da modernização, vão compor a massa urbana na capital. Nessa perspectiva, o presente artigo busca abordar o modo como as políticas públicas e programas implementados pelo Estado no campo brasileiro, foram importantes para a ocupação de Goiânia.

Assim, o texto divide-se em duas partes, além da introdução e considerações finais. A primeira parte discute o Cerrado enquanto bioma-território e as representações que foram sendo construídas com o intuito de justificar e legitimar o processo de inserção do mesmo na economia capitalista. Na segunda parte, o artigo apresenta aspectos da ocupação de Goiás com foco na construção de Goiânia, buscando relacionar a mudança da capital com o contexto em que se inseria o campo. Outra questão apontada no texto, embora não discutida em profundidade, são as características da ruralidade presentes no espaço urbano goianiense.

O artigo foi construído a partir de revisão bibliográfica, além de tomar como referência as discussões realizadas no âmbito da disciplina de “Evolução e organização do espaço regional”, cursada no âmbito do programa de pós graduação em Geografia, ministrada pelos docentes: Dr. Eguimar Felício Chaveiro e Dr. Dimas Peixinho.

### **A imagem do Cerrado – representações e sentidos atribuídos ao bioma-território**

O que é o Cerrado? O que significa esse nome, ou quais reflexões envolvem o conceito? Se analisarmos o Cerrado considerando a aparência da vegetação e sua composição, os animais, se observarmos o relevo, as características do solo, com o intuito de compreender o Cerrado, o mesmo estará sendo visto enquanto um Bioma.

Porém, o Cerrado é formado não só por fauna, flora e morfologia, como também por sujeitos que desenvolvem cultura no solo cerradeiro. Sujeitos camponeses, indígenas, quilombolas, neste território em disputa, cuja transformação se acelera na medida em que o Brasil cresce e deixa de ser somente um país litorâneo. O sertão se torna Brasil, o Cerrado urbanizado.

Assim, é importante pensar o Cerrado pela sua materialidade, ou seja, os ambientes naturais, e pela imaterialidade: a subjetividade dos povos que o compõe, os usos que fazem do Cerrado e suas variáveis, de modo a realizarmos uma abordagem enquanto Bioma-Território, conforme propõem Chaveiro & Barreira (2010). Ao considerarmos essa análise observaremos as influências da estrutura econômica, que “preside os usos e os interesses dos atores que hegemonomizam o seu controle econômico e social” (CHAVEIRO & BARREIRA, 2010, p. 16)

Dentre as ações de tais atores, podemos destacar a construção da representação social sobre o Cerrado. As imagens e representações do Cerrado podem ser classificadas em duas modalidades: aquelas em que são atribuídos sentidos negativos às suas “árvores tortas”, “espaço vazio”, “sertão inóspito” e aquelas de cunho positivo, em que se destacam os discursos ligados ao seu potencial produtivo “caixa d’água do planeta”, “celeiro do Brasil”. Tal análise e classificação dos discursos foi proposta por Chaveiro & Barreira (2010) com o intuito de traçar as legendas de um pensamento do Cerrado e contribuir para “superar uma visão dualista que ou trata o Cerrado apenas como bioma, domínio morfoclimático, sistema biogeográfico e ecossistema, ou o trata apenas como região, patrimônio cultural, fronteira ou território” (CHAVEIRO & BARREIRA, 2010, p.15).

Os discursos revelam, segundo os autores, as disputas e interesses políticos no quadro histórico do Cerrado, e ajudam a formar sua imagem, segundo as intenções. Desse modo, Chaveiro & Barreira (2010) apontam que até a década de 1970, agentes externos aos povos do local colaboraram na construção de uma imagem negativa do Cerrado, de modo que os povos cerradeiros eram considerados como atrasados, já que seu modo de vida, economia e cultura, não estavam condizentes com o modelo econômico capitalista.

Já no período posterior a 1970, predomina aos discursos relacionados ao potencial econômico do Cerrado enquanto um território dinâmico, ou seja, há a construção de uma imagem positiva. Os autores destacam que a construção dessa imagem é “paralela ao uso intenso dos componentes do bioma, coordenado por atores externos” (CHAVEIRO & BARREIRA, 2010, p. 17).

Apoiados nos discursos positivos sobre o Cerrado, a partir da década de 1970, inicia-se o período de expansão da fronteira agrícola, que através de políticas

públicas e programas como o POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados), PRODECER (Programa de Cooperação Nipo-Brasileira de Desenvolvimento dos Cerrados) e PADAD (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados), implementaram o projeto de modernização do campo e Revolução Verde.

Conforme aponta Silva (2000) foram esses os principais programas que apresentaram o desenvolvimento de novas tecnologias para o Cerrado, promovendo a capitalização da agricultura e aumento da produção, propiciando a competitividade dessa agricultura com o restante do país.

Uma das principais ações estratégicas do Estado de Goiás, e das instituições multilaterais que aplicaram recursos nesses programas, foi o investimento em estradas de ferro, rodovias e energia elétrica, segundo Oliveira (2011). A integração dos transportes e das comunicações é apontada por Santos (2013) como condição material para a difusão de atividades industriais e agrícolas altamente capitalistas, contexto no qual se insere o estado de Goiás.

Outra ação estratégica do Estado, de acordo com Mendonça (2004), consistiu em criar e fortalecer os estereótipos de ocupação de um espaço vazio, e a negação às trajetórias preexistentes, como isso o Estado visava garantir a livre territorialização do capital. O autor ressalta a noção de sertão como lugar de reprodução de uma sociedade específica – a sertaneja:

A ideia de sertão está diretamente relacionada ao processo de incorporação dessas áreas no processo de acumulação e produção das mercadorias. Aparentemente, é como se o capital tivesse o poder de transformar o sertão em civilização, conformando novas formas de produção e novas relações sociais de trabalho. (MENDONÇA, 2004. p. 127).

Podemos perceber que a apropriação do Cerrado por agentes externos, ou seja, Estado e instituições multilaterais internacionais de financiamento, com o intuito de produção de *commodities* para o agronegócio, se apoiou na construção de um discurso que visou legitimar as ações desses agentes hegemônicos aliados ao Estado através de programas e políticas públicas.

Nesse sentido, Pelá & Mendonça (2010) apontam que esse construto sociocultural da imagem do Cerrado permitiu as condições materiais e imateriais para o desenvolvimento econômico baseado em uma ocupação dita moderna, racional e indiscriminada, que culminou em degradação social e ambiental sem precedentes.

Sobre essa questão, Chaveiro & Barreira (2010) colocam que uma primeira ação geopolítica consistiu em aproveitar o imaginário negativo do Cerrado:

No bojo desse imaginário foram costuradas as operações que fundaram as políticas territoriais, desde a criação da Fundação Brasil Central que projetou o plano Marcha para o Oeste, assim como a construção da estrada de ferro, a elaboração do programa colônia agrícola - CANG, a construção de Goiânia, e posteriormente, de Brasília, além da enormidade de vias estabelecidas pelo PND I e PND II. Além disso, outras importantes iniciativas no campo de pesquisa funcional e economicista foram desenvolvidas, com a criação da ACAR (1948) – Associação de Crédito e Assistência Rural do IPEA (1960) – Instituto de Pesquisas Agrícolas; da SUDECO (1967) – Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste; do PIN (1970) – Programa de integração Nacional; do PRODOESTE (1971) – programa de desenvolvimento de Centro Oeste e da EMBRAPA (1973). (CHAVEIRO & BARREIRA, 2010, p. 26).

Conforme acima citado, foram várias as políticas territoriais para o desenvolvimento do Cerrado, algumas mais voltadas ao campo, ao processo de produção agrícola, e a industrialização, outras voltadas à urbanização do território, em que se destacam a Marcha para o Oeste, a construção de Goiânia, Brasília e, posteriormente, Palmas. Silva (2000) destaca o desenvolvimento do setor industrial aliado ao processo de urbanização como os principais fatores de ocupação do Cerrado. Assim, inserido na lógica de urbanização e modernização do território brasileiro, o Cerrado teve aos poucos a substituição do poder da oligarquia rural-agrária, para o urbano-industrial (PELÁ, 2014).

Pelá (2014) corrobora ao destacar que o Cerrado foi modernizado sob a perspectiva da imagem de pobreza e rusticidade do solo, lugar de atraso que deveria ceder à modernização:

E foi exatamente o que aconteceu: o Cerrado foi modernizado. As ‘miseras terras’ de outrora transformaram-se em um território fértil e apropriado para a edificação de uma nova capital federal e duas capitais estaduais, para a indústria da construção civil, para o turismo de negócios e cultural, para a arquitetura moderna e contemporânea, para a mecanização do campo, para o agronegócio, para as firmas e grandes corporações; enfim, passou a ser objeto de desejo de milhares de brasileiros que buscavam, e ainda buscam trabalho, moradia e melhores condições de vida. (PELÁ, 2014 p.30)

Porém, as boas expectativas dos migrantes nem sempre se tornaram realidade, pois conforme explicita Pelá (2014), o projeto de construção de Goiânia, assim como de Brasília, não se preocupou em acolher os trabalhadores, mas sim formar

a massa urbana necessária como força de trabalho, enquanto vigorava o discurso de uma capital que seria acolhedora aos brasileiros oriundos de diferentes regiões. Ou seja, segundo a autora, a ideologização em torno das cidades planejadas foi mais uma das estratégias de poder para se concretizar o projeto de modernização. Destacaremos adiante a construção de Goiânia nesse contexto.

### **Goiânia - urbanização do Cerrado, expressão da relação campo-cidade.**

A cidade de Goiânia foi inaugurada em 1942, mas em 1935 já contava com alguns prédios erguidos, afigurando-se como uma realidade irreversível, conforme aponta Chaul (2009). A construção de Goiânia esteve ligada a estratégias de poder, que conforme Chaveiro & Pelá (2009) colocam, foram movidas pelas seguintes intenções: buscar a articulação das regiões produtivas do estado de Goiás; fim da concentração política das antigas oligarquias familiares e adequação do país a um novo ritmo de produção capitalista. Siqueira (2009) afirma que “O marco para o desenvolvimento de Goiás se deu a partir dos anos 30 com a construção de Goiânia” (p.09).

Não só um marco para o desenvolvimento econômico de Goiás, a fundação de Goiânia é considerada um marco da ocupação do estado, de acordo com Chaul (2009), pois a mudança da capital, considerada como símbolo maior da Marcha para o Oeste, possibilitou o avanço capitalista para o interior do país. Cabe ressaltar que anterior à construção de Goiânia, o estado de Goiás já estava consolidado e buscando expandir suas fronteiras, desse modo a periodização da ocupação do Cerrado goiano é proposta por Miziara (2006), *apud* Chaveiro & Barreira (2010), nas seguintes etapas:

- primeira etapa – ocupação do ouro a partir de 1720, século XVIII;
- segunda etapa – ocupação do sul pelos Geralistas a partir do século XIX;
- terceira etapa – estrada de ferro a partir da segunda década do século XX;
- quarta etapa – Marcha para o Oeste a partir da década de 1940, com a criação da CANG<sup>1</sup>;
- quinta etapa – expansão da fronteira agrícola a partir dos meados da década de 1970. (MIZIARA, 2006 *apud* CHAVEIRO & BARREIRA, 2010, P.24).

Podemos observar que a mudança da capital do estado de Goiás, da cidade que leva o mesmo nome, para Goiânia, deu-se na quarta etapa da ocupação do Cerrado – conforme a periodização acima proposta – ou seja, a Marcha para o Oeste, que visava à integração do sertão ao litoral brasileiro, teve com a construção de Goiânia a sua

<sup>1</sup> Colônia Agrícola Nacional de Goiás.

consolidação “Era a possibilidade de modernização de Goiás, que poderia sair do “adormecimento” e tornar-se o coração pulsante do Brasil” (PELÁ & MENDONÇA, 2010, p.61).

Posterior a essa fase, a quinta etapa esteve ligada à expansão da fronteira agrícola, cujas políticas públicas implementadas pelo Estado, voltadas para o campo juntamente com a construção de Goiânia possibilitaram o desenvolvimento econômico de Goiás e sua inserção na economia capitalista. Afirmam Chaveiro & Pelá (2009): “A construção de Goiânia representou, entre outras coisas, a mudança do poder político e a inserção de Goiás na economia capitalista em curso” (p. 161).

Para tal inserção, a articulação entre agricultura, indústria e cidade foi tomada como base, conforme Chaves (s/d) destaca. A construção de Goiânia possibilitou a abertura da fronteira agrícola no oeste goiano, de modo que a rápida urbanização levou a transformações no mundo agrário a partir da rearticulação da agricultura com a indústria e a cidade, além dos mercados internos e externos. Assim o autor afirma: “Dessa forma, a agropecuária comercial e a expansão agrícola no Cerrado brasileiro, entre outras importantes situações, permitiram o desenvolvimento do estado.” (CHAVES, s/d, p. 02).

Até a década de 1930, Goiás era um estado eminentemente rural, onde predominava a agricultura de subsistência, tinha como inexpressivos o comércio local e a circulação monetária com raras exceções, segundo Siqueira (2009). A partir da década de 1970 a população urbana se torna expressiva, conforme dados apresentados na Tabela 1:

**Tabela 01: População do estado de Goiás: 1970 – 2010**

Ano	População urbana	População rural	População total
1970	1.108.248	1.309.218	2.417.466
1980	2.108.049	1.012.669	3.120.718
1991	3. 247.676	771.227	4.018.903
2000	4.396.645	606.583	5.003.228
2010	5.420.714	583.074	6.003.788

Fonte: Chaveiro (2007); IBGE (2000, 2010). Organização: a autora.

Os dados referentes à população no período de 1970 a 1996 nos revelam o crescimento do número de habitantes no espaço urbano em detrimento do decréscimo da população rural. No período de dez anos (entre 1970 e 1980) a população urbana supera a rural, e em 1996 podemos calcular que aproximadamente 85,77% da população de Goiás era urbana.

Além da proporção população rural – urbana sofrer alterações, o número total de habitantes do estado de Goiás aumenta significativamente nos períodos analisados, indo de 2.417.466 habitantes em 1970 para 5.003.228 habitantes nos anos 2000. Pereira *et al.* (1997) afirmam que a construção de Goiânia impulsionou o crescimento populacional do estado de Goiás. Os autores analisam a área e população do Cerrado a partir do cálculo de taxa geométrica<sup>2</sup>, e concluem que a taxa de crescimento populacional do Cerrado foi superior ao índice nacional, e que considerando as taxas de nascimento e óbito para o Cerrado e para o Brasil no mesmo período, o fluxo imigratório para o Cerrado foi superior ao emigratório em cerca de 500 mil pessoas (PEREIRA *et al.*, 2007).

Moyses & Silva (2008) atribuem esse fenômeno às ações do governo federal realizadas na região centro-oeste e intensificadas a partir de 1970, sobretudo por meio das políticas públicas citadas em tópico anterior. Afirmam os autores:

O fato é que o Centro-Oeste deixou de ser majoritariamente rural e passou a ser majoritariamente urbano a partir da década de 1970, exatamente quando o governo federal fez-se presente através da injeção de grandes somas de recursos na região. Vale destacar que as ações governamentais, traduzidas em importantes aportes de recursos, a grande maioria a fundo perdido, por um lado, estimularam o seu desenvolvimento, sobretudo nas atividades agropastoris e agroindustriais; por outro, provocaram grandes impactos nos seus espaços urbano e rural, alterando o seu perfil socioespacial. (MOYSES & SILVA, 2008, p. 208).

Santos (2013) analisa o esvaziamento do campo como uma consequência inerente ao processo de modernização capitalista, e ressalta que tal processo é excludente, pois “uma parcela importante dos que se dirigiam às cidades não pôde

---

<sup>2</sup> “A área total do cerrado foi estimada pelo somatório da multiplicação do índice de participação de cada município no cerrado (índices de 1980), pela área municipal (Anuário..., 1985). A população resultou do somatório da multiplicação dos índices de 1980 e de 1990, pela população residente nos municípios [...]. Determinou-se a taxa geométrica de crescimento através da fórmula:  $i((Y/n)Wl_1)^* 100$  onde: y= população em 1991; a = população em 1980; n = período, número de anos; i = taxa média geométrica decréscimo.” (PEREIRA *et al.*, 1997, p. 161).

participar do circuito superior da economia, deixando de incluir-se entre os assalariados formais e só encontrando trabalho no circuito inferior da economia, impropriamente chamado de trabalho “informal” (SANTOS, 2013, p. 135).

Assim, temos em Goiânia o crescimento do setor de serviços, sobretudo aqueles ligados ao comércio informal sendo que o comércio de roupas em feiras se torna expressivo, como ocorre na feira *Hippie* e nas calçadas da Avenida 44, por exemplo. De acordo com Chaveiro (2007), o crescimento do setor de serviços em Goiânia deve ser compreendido a partir da análise do campo. Afirma o autor: “embora a modernização do Estado de Goiás se tenha dado pela agricultura, ela vai impulsionar consideravelmente o setor de serviços, acompanhando as tendências de ponta da economia.” (CHAVEIRO, 2007. p. 50).

Especificamente sobre a migração campo-cidade em Goiás, Chaveiro (2007) aponta que a metropolização de Goiânia está relacionada ao processo migratório ocasionado pela agricultura moderna, pois se deu com base em um estado de estrutura econômica agrária. Esse processo reflete em uma nova participação do centro-oeste na divisão regional do trabalho:

Modernizada em sua economia, o deslocamento da mão de obra para as cidades, a diminuição do quantitativo de empregabilidade no campo e mesmo na indústria, aglutinado ao crescimento do setor de serviços, dariam uma nova feição à região, especialmente no que diz ao processo de urbanização. (CHAVEIRO, 2007, p.50)

Nesse sentido, podemos afirmar que Goiânia surge enquanto expressão da relação campo-cidade. Primeiro, por ter sido fundada em um Estado de economia basicamente agrária, segundo porque ocupada majoritariamente por migrantes oriundos do campo. Pelá (2014) aponta que esse processo de migração campo-cidade levou ao comprometimento da biodiversidade e da sociobiodiversidade do Cerrado, devido à (des)territorialização de uma grande parcela de pessoas que habitavam o campo.

Ou seja, o processo de modernização do campo e consolidação do agronegócio impulsionam a ocupação da cidade de Goiânia, que na década de 1970 já estava consolidada. Santos (2013) aponta Goiás como um caso emblemático, pois o novo urbano chega antes da modernização rural.

Sendo Goiânia formada no contexto de modernização da agricultura e integração do território nacional, cujo processo de ocupação se deu em uma zona de

expansão da fronteira agrícola, tem arraigada em seu território marcas da ruralidade. É a tradição rural expressa no urbano, como aponta Oliveira (2011). A partir de uma leitura da paisagem, Chaveiro (2007) identifica aspectos de uso e apropriação do território goianiense como as chácaras urbanas que se estendem em direção a todos aos municípios limítrofes de Goiânia.

Não só a presença de chácaras, Oliveira (2011) destaca a produção agropecuária, a cultura de eucalipto, a produção de frutíferos como laranja, coco-da-baía e limão além da produção de mel e ovos, porém “a atividade mais expressiva na ‘Zona Rural’ de Goiânia é a lavoura temporária” (p.104). Vale destacar que no contexto da economia goianiense, essas atividades não são muito significativas, mas refletem aspectos da ruralidade. Porém, cabe salientar que “A ruralidade se manifesta na cultura e se materializa no espaço de seus sujeitos, dando um toque especial à paisagem de seus lugares, ou melhor, de seus territórios”. (Oliveira, 2011, p.118)

Ou seja, as marcas do rural se expressam em Goiânia para além de atividades agrícolas e pecuárias. De acordo com Oliveira (2011), tais marcas estão presentes no modo de vida, no cotidiano e nos costumes dos sujeitos, é a manifestação do imaterial através de músicas, festas, e nas tradições que expressam a relação da cultura goianiense com o campo.

### **Considerações finais**

O Cerrado goiano tem como marca de seu desenvolvimento econômico políticas públicas que visaram à produção agropecuária fortemente ligada a agroindústria. A partir da inserção do pacote tecnológico da revolução verde, possibilitou-se a correção dos solos, a aquisição de maquinários e, por conseguinte o aumento da produtividade, colocando Goiás em destaque no que concerne ao agronegócio, cujas principais características podem ser consideradas: a produção de *commodities* para a exportação, a produção em grandes áreas, o uso de fertilizantes, agrotóxicos e sementes geneticamente modificadas.

As políticas públicas e programas implementados no campo, resultaram em segregação e exclusão de comunidades camponesas e pequenos proprietários de terra, o que levou a um grande contingente de migrantes do campo a cidade. Cidade planejada,

Goiânia já havia sido inaugurada há 30 anos, quando em 1970 os programas foram implementados no campo, ou seja, estava consolidada a receber o fluxo migratório.

Porém, cabe salientar que a cidade não foi planejada para os migrantes, que se instalaram nos bairros mais periféricos e de baixa infraestrutura (destaca-se nesse sentido a região noroeste) além de se colocarem como trabalhadores informais ou se submeterem ao subemprego. Tais facetas são características do processo de globalização (SANTOS, 2013) do qual Goiânia não poderia escapar.

Nessa perspectiva, o Cerrado enquanto bioma-território (CHAVEIRO & BAREIRA, 2010), tem seus sujeitos expropriados, sua flora desmatada, o solo degradado, e suas águas contaminadas, mas os índices de produtividade no campo aumentam, bem como cresce a população da capital e das cidades em que se instalam as agroindústrias.

Seria então as marcas da ruralidade expressa nos quintais, nas cantigas, na folia de reis, nos costumes, um modo de resistência camponesa daqueles que tiveram no campo a origem de sua família, e de sua história mesmo que em passadas gerações.

Goiânia reflete as contradições do moderno e do tradicional (pejorativamente dito como “atrasado”), assim como o Cerrado cujos discursos referidos ao mesmo alteram-se segundo as intenções dos sujeitos. O fato é que o tradicional no Cerrado existe pela resistência dos sujeitos camponeses, indígenas e quilombolas, povos que são a essência da formação territorial goiana, mas que não foram considerados pelas principais políticas públicas e programas de desenvolvimento econômico, nem ao se pensar o planejamento territorial urbano.

## Referências

CHAUL, Nasr Fayad. GOIÂNIA: a capital do sertão. *In: Dossiê cidades planejadas na hinterlândia*. Goiânia: Revista UFG, Junho 2009, Ano XI nº 6. Disponível em: <[http://www.proec.ufg.br/revista\\_ufg/junho2009/goiania.pdf](http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/junho2009/goiania.pdf)> Acesso em: 18/01/2016. 11 p.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Goiânia, travessias sociais e paisagens cindidas**. Goiânia: Editora da UCG. 2007. 102 p.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes. Cartografia de um pensamento do Cerrado. In: PELÁ, Márcia; CASTILHO, Denis (Orgs.). **Cerrados: perspectivas e olhares**. Goiânia: Editora Vieira, 2010. P. 15-33.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. Sujeitos não desejados no espaço planejado: disputa de territorialidades na construção de Goiânia, GO. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.). **Territorialidades na América Latina**. Goiânia: UFG, 2009. P. 159-169.

CHAVES, Edilson Aparecido. **Ocupação e Colonização do Território**: o processo de constituição do Estado de Goiás. S/d. Disponível em: <[http://concursospublicos.uol.com.br/aprovaconcursos/demo\\_aprova\\_concursos/historia\\_do\\_estado\\_de\\_goiás\\_01.pdf](http://concursospublicos.uol.com.br/aprovaconcursos/demo_aprova_concursos/historia_do_estado_de_goiás_01.pdf)>. Acesso em: 04/02/2016. 10p.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. As transformações no espaço do Cerrado goiano In: **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do sudeste goiano**. Tese de doutorado. São Paulo: Unesp. 2004. P.123-190. Disponível em: <[https://getem\\_geografia.catalao.ufg.br/up/521/o/04\\_MARCELO\\_RODRIGUES\\_MENDONCA.pdf](https://getem_geografia.catalao.ufg.br/up/521/o/04_MARCELO_RODRIGUES_MENDONCA.pdf)> Acesso em: 26/01/2016.

MOYSES, Aristides; SILVA, Eduardo Rodrigues da. Ocupação e urbanização dos cerrados: desafios para a sustentabilidade. **Cadernos MetrÓpole**, 20 pp. 197-220 20 sem. 2008, Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/8693>> Acesso em: 11/06/2017

OLIVEIRA, Ubiratan Francisco de. **“Marca d’água”** – o ser e o existir do rural no espaço metropolitano de Goiânia. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG/IESA. 2011. 132 Pp.

PELÁ, Márcia Cristina; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. Cerrado Goiano: encruzilhada de tempos e territórios em disputa. In: PELÁ, Márcia; CASTILHO, Denis (Orgs.). **Cerrados: perspectivas e olhares**. Goiânia: Editora Vieira, 2010. P. 15-33.

PELÁ, Márcia Cristina Hizim. Pontos e contrapontos da estratégia da implantação de Goiânia, Brasília e Palmas no processo de transformação do Cerrado e do território brasileiro. In: PELÁ, Márcia Cristina Hizim. **Uma nova (Des) ordem nas cidades: [manuscrito] o movimento dos sujeitos não desejados na ocupação dos espaços urbanos das capitais do cerrado – Goiânia, Brasília e Palmas /.** - 2014. 268 f. : figs, tabs.

PEREIRA, Geraldo; AGUIAR, Jozeneida Lúcia P. de; MOREIRA, Lucimar; BEZERRA, Heleno das. Notas científicas - área e população do cerrado. **Pesquisa agropecuária brasileira**. Brasília, v, 32, n.7, p.759.763, jul. 1997. Disponível em: <<https://seer.sct.embrapa.br/index.php/pab/.../7340>> Acesso em 04/02/2016

SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_. **Por outra globalização** – do pensamento único à consciência universal. 6ª ed. Rio de Janeiro. Editora Record, 2011.

SILVA, LÍLIAN LEANDRA. O papel do estado no processo de ocupação das áreas de Cerrado entre as décadas de 60 e 80. *In: CAMINHOS DE GEOGRAFIA*. Uberlândia: Revista on line do Programa de Pós-graduação em Geografia. 1(2) dez/ 2000. P.24-36. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/viewFile/15251/8552>>. Acesso em: 22/01/2016.

SIQUEIRA, Eurípedes Bastos: O desenvolvimento do estado de Goiás sob a ótica do planejamento territorial. *In. Revista CEPPG* – Nº 20 – 1/2009. P. 101-114. Disponível em: <[http://www.portalcatalao.com/painel\\_clientes/cesuc/painel/arquivos/upload/temp/d95e33ecba558d4dbb8f01a9c697e49c.pdf](http://www.portalcatalao.com/painel_clientes/cesuc/painel/arquivos/upload/temp/d95e33ecba558d4dbb8f01a9c697e49c.pdf)>. Acesso em: 20/01/2016.

Recebido para publicação em junho de 2017

Aprovado para publicação em agosto de 2017